

Bispo e Duchamp: a diferença na ponta da língua

Louise Amaral Lhullier

Dois artistas consagrados: um brasileiro, Arthur Bispo do Rosário, e um francês, Marcel Duchamp. Ambos são considerados expoentes da chamada "arte de vanguarda" e suas respectivas obras apresentam curiosas semelhanças, especialmente por seus trabalhos a partir de objetos comuns, do cotidiano, que, retirados do contexto de sua utilidade, foram reconhecidos como obras de arte. No entanto, suas vidas não poderiam ser mais diversas.

Quem foi Bispo? Segundo sua biografia, foi pugilista, marinheiro e empregado doméstico "faz-tudo". Recebeu o diagnóstico de "esquizofrênico paranoico" em sua primeira internação, em 1938. Entrou e saiu de hospitais psiquiátricos desde 1938 até 1964, quando "mudou-se" definitivamente para a Colônia Juliano Moreira, hospital psiquiátrico no Rio de Janeiro. Lá morou desde então até sua morte, em 1989, ou seja, 25 anos depois de sua última internação.

Na década de 1980 as condições desumanas em que viviam os internos nos hospitais psiquiátricos começaram a ser denunciadas na grande mídia. Foi então que Bispo começou a se tornar conhecido fora da Colônia. Foi visitado por intelectuais interessados em seu trabalho, foi fotografado e filmado, e apresentado ao Brasil em reportagem do jornalista Samuel Wainer para a TV Globo, que denunciava o tratamento atroz dado aos internos na Juliano Moreira.

Bispo não teve acesso ao mundo da arte ou dos artistas, dos movimentos estéticos ou dos intelectuais.

Recusava-se sistematicamente a expor ao mundo seus objetos, principalmente fora do espaço que delimitara para si mesmo dentro da instituição. Seleccionava rigorosamente quem entrava em seus domínios e, portanto, quem podia ver o que produzia.

Somente após a sua morte, em 1989, foi possível organizar a primeira da série de exposições de seus trabalhos que o consagraram definitivamente como artista. Portanto, a obra de Bispo foi acolhida em seu caráter singular, inovador, vanguardista, a contragosto do seu autor, por assim dizer.

Para Bispo, seu trabalho era uma "obrigação", uma missão divina, revelada pela voz à qual obedecia sem hesitar:

Eu escuto uma voz e é essa voz que me obriga a fazer tudo isso [...] se eu pudesse, não fazia nada disso¹.

Dedicou-se extraordinariamente a cumprir sua "obrigação". Confinado na instituição psiquiátrica durante a maior parte de sua vida, criava a partir de objetos do cotidiano e de sucata, como sapatos velhos, canecas, pentes, garrafas, latas, ferramentas, talheres, embalagens de produtos descartáveis, pedaços de papelão, cobertores puídos, pedaços de madeira arrancados de caixotes e de cabos de vassouras, linha desfiada dos uniformes da instituição psiquiátrica, botões, estatuetas de santos e brinquedos.

Todos os elementos de seu inventário seriam, segundo ele, salvos no dia do Juízo Final, assim como as pessoas cujos nomes bordava nos mantos que confeccionava com muito capricho. Enquanto esse dia não chegava, ele se preparava mortificando o corpo através de jejuns frequentes e rigorosos, do trabalho exaustivo, da recusa mesmo ao mínimo

de conforto a que podia ter acesso - dormia pouco, sobre um lençol jogado no chão úmido.

Desde a perspectiva da psicanálise, pode-se pensar que Bispo, através do seu delírio e da sua arte, conseguiu colocar algum limite ao insuportável de sua loucura. Esse trabalho parece ter colocado alguma ordem no caos em que se viu arremessado quando do desencadeamento de sua doença. Esse suposto efeito não está minimamente relacionado ao reconhecimento de seu trabalho como expoente da arte de vanguarda. Para Bispo, sua *obrigação* parece ter sido o caminho para apaziguar, de alguma forma, o sofrimento avassalador da loucura.

Quando morreu, em 1989, Bispo havia cumprido sua missão: deixara um registro de sua passagem pela Terra, uma coleção de objetos avulsos, *assemblages* e panôs bordados e desenhados, representações do "material existente na terra dos homens", de tudo o que existe: sua arte.

Deixou também - em bordado, áudio e vídeo - registros de sua fala que permitem que seja "reconhecido" também pela psicanálise, em seu delírio. Suas palavras, sua escrita, são hoje para nós, psicanalistas, um tesouro comparável à sua produção artística.

Portanto, foi reconhecido como louco e como artista, através de um nome que o transcendeu: Bispo.

Marcel Duchamp foi definido como "o inventor mais fascinante e desconcertante da arte contemporânea"². Nascido na França, filho de um tabelião, viveu durante anos em Nova Iorque, onde foi consagrado como artista. De sua vida disse: "Tive uma vida absolutamente maravilhosa"³. Ele nunca considerou sua arte uma obrigação, muito menos imposta "de fora". Ao contrário, a certa altura de sua vida, depois de pintar por 25 anos, abandonou a pintura, segundo ele, sem sofrimento:

Você nunca sofreu com essa ruptura?
- Não, jamais⁴.

Disse dele Pierre Cabanne, que o entrevistou quando estava próximo de completar 80 anos:

Ele fala com uma voz calma, pausada, sem sobressaltos; sua memória é prodigiosa, as palavras que emprega não são automatizadas ou habituais como quando se responde pela enésima vez a uma entrevista, mas sim fruto de uma escolha⁵.

Esse homem calmo, bem humorado, considerado por Breton "o homem mais inteligente do século"⁶, produziu, no entanto, obras que se assemelham muito à produção do sofrido, pobre e pouco letrado Bispo. Um exemplo disso é a *Roda de Bicicleta*, onde a semelhança fica evidente mesmo ao olhar mais desinformado.

Bispo-Duchamp são um bom exemplo, portanto, de que a obra, aquilo que o artista produz quando se expressa através de sua arte, não distingue um psicótico de um não psicótico. O fazer artístico se situa em uma outra dimensão.

Por outro lado, há uma notória diferença entre ambos, "na ponta da língua", que se evidencia no dizer de cada um dos dois artistas sobre sua obra. É a diferença no registro da fala, aí onde a psicanálise encontra a "porta aberta" por onde abordar a questão da psicose.

Lacan lembra que os psicóticos "falam a mesma linguagem que nós", e o quê os distingue é "a relação do seu discurso com o ordenamento comum do discurso". Mas não se trata de compreender o conteúdo desse dizer. "Comecem por não crer que vocês compreendem", disse ele. "Partam da ideia do mal-entendido fundamental"⁷. Aliás, ele critica a ingenuidade dos que julgam compreender o que "o sujeito quis dizer": "O que há de certo é que ele não o disse"⁸.

Com Lacan, a psicanálise vai buscar a diferença na estrutura da fala psicótica em relação ao discurso comum. O

neologismo, no nível do significante. A intuição delirante e a fórmula, o ritornelo, no nível da significação⁹.

Ele destacou, sobretudo, que "a economia do discurso, a relação da significação com a significação [...] nos permite essa distinção". O dizer psicótico se organiza de uma maneira incomum em relação ao discurso dos não psicóticos.

O discurso "comum" é regido por um conjunto de regras amplamente compartilhadas, de tal forma que soa natural, normal. Como tal, as diversas modalidades desse discurso são acolhidas no laço social devido à sua referência comum: a função fálica, a ordem edípica.

De outro lado, o dizer que caracteriza a psicose, ou seja, o delírio, causa estranheza porque não remete a essa ordem. Existe aí - o que fica claro na fala de Bispo, por exemplo - uma peculiaridade no uso da linguagem, identificada por Lacan como a "assinatura do delírio".

Na fala de Bispo, a intuição delirante a "inunda" com uma "perspectiva nova", de "cunho original" e "sabor particular". Podemos ouvir que essa "nova perspectiva" inundou sua vida a partir do desencadeamento de sua psicose, no Natal de 1938, quando ele "se apresentou" e "foi reconhecido" em sua "santidade" pela primeira vez, pelos frades e, depois, pelos médicos que o examinaram.

Não há nada parecido em Duchamp. Podemos discordar dele, julgá-lo um pouco excêntrico, mas nada em sua fala causa o tipo de estranheza que Bispo nos provoca com seu dizer.

A comparação entre os dizeres de Duchamp e Bispo sobre seu "fazer" artístico são esclarecedores nesse sentido. Para além das diferenças sócio-culturais entre ambos, a estrutura da fala de Bispo a caracteriza como própria do delírio psicótico, pois somente pode ser "decifrada" da maneira que Freud "decifrou" o delírio do Presidente Schreber, ou seja, desvelando as relações singulares entre

os diversos elementos que compõem seu delírio. Por exemplo, sobre as miniaturas que criava, deixou o seguinte depoimento:

[Bispo]: Igual a essas miniaturas que eu fiz, permite a minha transformação.

[Denizart]: Como é que permite?

[Bispo]: Não tem a representação? Vou me apresentar corporalmente. Minha ação corporal é esse brilho que eu botei [...].

Em contraponto, um pequeno trecho da entrevista de Duchamp permite situar com clareza a sua referência à ordem fálica, a marca da castração simbólica, o endereçamento ao Outro, ao remeter à cultura, à arte.

Quando você faz um quadro, mesmo abstrato, há sempre uma espécie de necessidade de preenchimento forçado. Eu me perguntava por quê. Sempre me coloquei diante do "por quê", e da interrogação vem a dúvida, dúvida de tudo [...]¹⁰.

Finalmente, essas duas pequenas amostras dos discursos dos dois artistas permitem ilustrar também uma outra característica que distingue a fala na psicose: a certeza. A dúvida situa Duchamp fora do campo da psicose. Ao contrário, "o delirante, à medida que ele sobe na escala dos delírios, está cada vez mais certo de coisas postas como cada vez mais irreais"¹¹. A crença delirante se caracteriza por uma certeza radical. Por isso, Bispo tem as respostas "na ponta da língua", não hesita e não duvida, sua convicção flui espontaneamente. Já Duchamp precisa refletir mais: quem não é psicótico, convive inevitavelmente com a dúvida, com o "por quê".

¹ Hidalgo, L. (1996). *Arthur Bispo do Rosário - o Senhor do Labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, pp. 142-143.

² Cabanne, P. (2008). *Marcel Duchamp: engenheiro do tempo perdido*. São Paulo: Perspectiva, p. 9.

³ Idem. *Ibidem*, p. 11.

⁴ Idem. *Ibidem*, p. 12.

⁵ Idem. *Ibidem*, p. 16.

⁶ Idem. *Ibidem*.

⁷ Lacan, J. (2008[1955-1956]). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 31.

⁸ Idem. *Ibidem*, p. 32.

⁹ Idem. *Ibidem*, pp. 44-45.

¹⁰ (Cabanne, 2008, p. 27)

¹¹ Lacan, J. (2008[1955-1956]). *Op. cit.*, p. 95.